

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL NOS MEANDROS ESTÉTICOS DE “O FANTASMA DE LUIS BRUÑUEL”

Diana Pereira Coelho de Mesquita (UFG)¹

Ismael Ferreira Rosa (UFG)²

Resumo: Este trabalho tem por escopo analisar as (des)construções do sujeito homossexual no discurso estético-literário da obra *O fantasma de Luis Bruñuel*, escrito por Maria José Silveira, escrutinando a produção das identidades e subjetividades desse sujeito frente às amarras socioideológicas da generalização e rotulação disciplinadoras. Para tanto, tem-se por bases teóricas as noções de sujeito e poder de Foucault e as concepções de identidade dos estudos culturais de Hall, Bauman e Silva.

Palavras-chave: sujeito homossexual, identidade, poder.

Abstract: This paper aims at analyzing homosexual subject's (non)construction in the esthetical-literary discourse from the novel *The Phantom of Luis Bruñuel*, written by Maria José Silveira, scrutinizing identity and subjectivity production of that subject who is limited by social and ideological moorings that generalize, label and discipline him. To accomplish that, it is based on Foucault's theoretical conception of subject and power; and on cultural studies conception of identity by Hall, Bauman and Silva.

Keywords: homosexual subject, identity, power.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. (HALL, 2003)

PREÂMBULO

É notável a observação de que nós, seres humanos, temos a tendência a sempre associar um sujeito a uma identidade. Uma tendência incentivada e cristalizada especialmente pelos aparelhos ideológicos midiáticos e institucionais, que, contraditoriamente, têm a pretensão de singularizar e generalizar sujeitos. Singularizar

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão
Especialista em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira
Especialista em Letras: Leitura e Ensino pela Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão
Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia
Professora da Rede Estadual de Ensino de Goiás e Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Goiás/CAC, atuando junto à Coordenação Geral de Graduação.

² Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia
Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia
Graduado em Letras pela Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão
Professor do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Pires do Rio

porque se propala a ideia de que identificar um sujeito é lhe atribuir uma individuação, apreender caracteres psicofísicos que lhe aferem uma unicidade, um caráter de exclusividade. E generalizar porque, a despeito das características de único e exclusivo, não se deve destoar de uma coletividade, de um paradigma de aferimento da singularidade. É preciso ser uno, mas no interior de um todo. Não se deve distanciar de um geral. Não há lugar para um diferente, para um ponto de inflexão nas similitudes.

Ora, e é justamente essa generalização que facilita a domesticação, a modelagem de (des)construções identitárias. Assim, sem perceber, somos controlados por instituições como a escola, o governo, a mídia que forjam representações de subjetividades e acabam nos impondo formas de individualidades no ínterim de coletividades. A isso, Foucault (2009) denominou Técnicas de Si, que, de acordo com o autor, são procedimentos que fixam, mantêm e transformam a identidade, de acordo com determinados fins.

Nesse sentido, a identidade do sujeito é um efeito do poder. É o poder que administra a vida dos indivíduos, condicionando-os à passividade política e à atividade econômica e por que não dizer também à constituição social. Daí o esforço daqueles que dirigem o país em criar e difundir um estilo de vida igual para todos os membros da nação. Se todos aceitam e se acomodam ao mesmo estilo de vida, é mais fácil manter o controle sobre eles e fazer com que sempre executem ações previsíveis. O poder cria uma verdade sobre o sujeito para melhor regulá-lo e controlá-lo. A disciplinarização molda seu comportamento conforme a ordem desejada.

Entretanto, nesses processos de subjetivação, o sujeito sempre encontra lacunas que lhe permitem resistir ao que é imposto. Há sempre espaços de embates e combates que podem desestabilizar a inércia ideológica imposta pela organização social hermético-estática. Há sempre enfrentamentos aos rótulos e lugares subjetivos preestabelecidos para sujeitos que integram uma rede social. É o diferente que irrompe no igual. Mas um diferente que, desprendido das amarras socioideológicas das generalizações, vê-se excluído, sem lugar e, portanto à margem dos contornos identitários de uma coletividade.

É o caso do homossexual que, indo de encontro com o paradigma, com o padrão de comportamento sexual estabelecido pela sociedade, percebe-se excluído, sem lugares, sem aceitação. É um sujeito outro, não enquadrável no estalão

sóciosexual, que se (des)constrói frente às coerções e às balizas limítrofes, demarcadoras do espaço condicionante de subjetividades e identidades impostas pelas redes ideológico-culturais da sociedade.

Como então são produzidas essas (des)construções do sujeito homossexual nessa sociedade? Ou melhor, como são produzidas as identidades e subjetividades desse sujeito frente às amarras socioideológicas da generalização e rotulação disciplinadoras?

Buscando a constituição de um dos sujeitos produzidos no discurso estético-literário na obra *O fantasma de Luis Bruñuel (OFLB)*, escrito por Maria José Silveira – Tadeu –, alvitramos uma discussão que tem por escopo apresentar alguns apontamentos sobre as questões suprarrelacionadas.

Tadeu é um dos sujeitos-personagens desse romance que, publicado em 2004, conta a história de cinco jovens amigos – Edu, Tadeu, Dina, Tonho e Esmeralda – que viveram o período áureo da Ditadura Militar no Brasil, com todas as grandes agitações estudantis e repressões que marcaram a época. A narrativa inicia-se em 1968 e se encerra em 2004 e é contada sequencialmente pelos membros do grupo, que constituem as vozes da enunciação dos capítulos. Todos são estudantes da UnB unidos por variados interesses, entre eles, a admiração pelo cinema surrealista do espanhol Luís Buñuel e a resistência ao Regime Militar recém implantado no país. Tadeu é um homossexual que sofre toda a sorte de discriminações e repressões que afetam e atravessam seus dizeres e interferem em sua constituição como sujeito em busca de uma identidade.

Sendo assim, entendendo espaço literário como

mais que um lugar não-pragmático instaurador de deleites e fruição, um construtor mimético da realidade ou mesmo uma mera organização estético-textual estruturada por uma forma especial de linguagem, é o lugar da heterogeneidade, da dispersão, da (des)construção de sujeitos e sentidos [...] que, no batimento entre a realidade e a ficção, mostra-se heteroclitamente constituído por elementos da ordem do histórico, do social, do ideológico, do cultural, do psicológico, do institucional, do linguístico, do estético e, portanto, do discursivo. (ROSA, no prelo)

, procuraremos analisar os efeitos de sentido da constituição subjetivo-identitária do homossexual mediante os pressupostos teórico-conceptuais da Análise do Discurso, precipuamente as noções de sujeito e poder em Foucault (2009, 2004, 1996,

1984), conjugadas às concepções de identidade dos estudos culturais de Hall (2004, 2003, 2000), Bauman (2005) e Silva (2000).

A (des)construção identitária de Tadeu na discursividade literária de O fantasma de Luis Bruñuel

Segundo Bauman, identidade é

uma idéia inescapavelmente ambígua, uma faca de dois gumes. Pode ser um grito de guerra de indivíduos ou das comunidades que desejam ser por estes imaginadas. Num momento o gume da identidade é utilizado contra as “pressões coletivas” por indivíduos que se ressentem da conformidade e se apegam a suas próprias crenças [...] e seus próprios modos de vida (que “o grupo” condenaria como exemplos de “desvios” ou de “estupidez”, mas, em todo caso de anormalidade, necessitando ser curados e punidos). Em outro momento é o grupo que volta o gume contra um grupo maior, acusando-o de querer devorá-lo ou destruí-lo, de ter a intenção viciosa e ignóbil de apagar a diferença de um grupo menor, forçá-lo ou induzi-lo a se render ao seu próprio “ego coletivo”, perder prestígio, dissolver-se... Em ambos os casos, porém, a “identidade” parece um grito de guerra usado numa luta defensiva: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçadora).

Ocorre, contudo, que a faca da identidade também é brandida pelo outro – maior e mais forte. Esse lado deseja que não se dê importância às diferenças, que a presença delas seja aceita como inevitável e permanente, embora insista que elas não são suficientemente importantes para impedir a fidelidade a uma totalidade mais ampla que está pronta a abraçar e abrigar todas essas diferenças e todos os seus portadores. (BAUMAN, 2005, p. 82).

Para o autor, sentir-se “deslocado” em toda parte, ou seja, não sentir-se totalmente incluído em lugar algum, perceber-se estranho aos olhos alheios, é uma experiência desagradável e até perturbadora. Sempre estar procurando se justificar, incluir-se, desculpar-se frente aos grupos... Esta é realmente uma situação que nos constrange. Isso ocorre porque as “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas a nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Em OFLB, os sujeitos-enunciadores vivenciam este problema de busca de uma identidade. Sentem-se “deslocados”, como é o caso de Tadeu. Ao longo da trama, percebe-se essa busca por incluir-se em um tipo de identidade “aceito” pela sociedade: “e eu, o que era eu? A bicha” (OFLB, p.74).

Ora, Tadeu é um sujeito complexo, em cujo interior convivem sentimentos muito distintos e muito intensos, como o ódio acirrado, o amor exagerado, quase adoração, a descrença, a apatia, entre outros. Desde a infância sofreu com o preconceito por demonstrar características homossexuais. E, quando rememora a infância, a única imagem que o agrada é a de padre Afonso e das jóias da mãe. Ele adorava o cheiro da batina do padre Afonso. E até hoje, quase sem esforço “consegue sentir de novo o roçar pesado e escuro da batina e seu cheiro de incenso, flores brancas murchas, parafina, suor e banha de porco” (Ibid., p. 82).

Segundo Tadeu, foi seu primeiro amor, aquele padre. Gostava de ir à sacristia, ficava horas sentindo os “odores almiscarados” de lá. Ajudava o padre a arrumar tudo: os mantos, as batas, os crucifixos, os círios, o esponsório, os cálices. Hoje não consegue, em suas lembranças, definir com nitidez o rosto do padre, a imagem que guarda é do “negror da batina preta, pesada, cálida, envolvente, ressaltando a finura, a alvura quase transparente das mãos do padre Afonso, mãos tão brancas e tão macias que não pareciam de pele, mas de seda” (Ibid., p. 82). O padre não ficou muito tempo na paróquia, foi transferido. Fica implícita na enunciação de Tadeu o motivo da transferência, o que nos leva a supor que talvez tenha sido justamente por esse seu “envolvimento e zelo” com crianças da cidade, como Tadeu.

A presença do padre Afonso em sua vida foi importante em seu processo de constituição. Apesar de acreditar que sua defloração tenha ocorrido de forma banal, não original, uma vez que fica subentendido em sua enunciação que ele considera comum esse tipo de ato ser cometido por um padre, Tadeu, no fundo gostou de ser, como ele diz, “um caso clássico de homossexual brasileiro dos anos 1960 [...] Foi desvirginado por um padre, um padre jovem que pegava sua mão direita e a colocava na boca e ficava séculos chupando seus dedinhos dizendo, Hum! Que dedinho gostoso! Veja a delicadeza!” (Ibid., p. 83).

Na verdade, ele sempre considerou que sua vida era uma mesmice, um lugar-comum e que nada de diferente acontecia com ele. Gostaria de ter sido “deflorado” de uma maneira única, rara

quem sabe por um coronel machão e autoritário, um coronel vestido de terno branco, meias brancas, perfume de Gardênia, alguém assim como o tio Antenor, de bigodinho a Carlos Gardel, lencinho branco de cambraia com as iniciais bordadas, e ar irresistível de sedutor barato e

autoritário, chegando e dizendo, Vem comigo, cabrinha da peste! E ele, sem fala, menininho inocente, mas explodindo de alegria por dentro, gritando em silêncio, Vou! Vou! (Ibid., p. 82-83).

Padre Afonso o protegia contra os meninos da cidade que o criticavam e o discriminavam. Eles respeitavam o padre, mas depois que ele foi embora, Tadeu sofreu horrores. Chorava todo dia e ficava doente, sem querer ir para o colégio e ser alvo de chacotas dos colegas. Às vezes até apanhava e ficava ouvindo os meninos o chamando de “mariquinha” (OFLB, p. 83). Esses acontecimentos marcaram a infância de Tadeu e seus efeitos o acompanharam pelo resto da vida. Começou a achar que tudo estava errado com ele e “Passou, então, um tempo interminável e horroroso de autonegação, até depois cair no mundo das drogas e da gandaia: definitivamente, um clássico da formação de uma bicha da sua geração, ele se diz” (Ibid., Id.).

Já na adolescência mudou-se para Brasília. Nesta cidade, Tadeu aceitava tudo que os amigos do grupo diziam “por conformismo, carência, foi por causa da minha urgência abissal de aceitação, naquela época eu tinha essa coisa que batia no fundo do estômago, um tipo de fome horrorosa de pertencer ao grupo deles” (Ibid., p. 75). Apesar de crer que escondia bem sua homossexualidade, todos no grupo sabiam. Observa-se que nessa época Tadeu tentava ser o que não era somente para se adequar à imagem de homem exigida pela sociedade.

Anos mais tarde, mudou-se para o Rio e lá começou a libertar-se de tudo aquilo,

de todas aquelas amarras que ajudei como um tantã mental a criar para mim mesmo. Quando saí de Brasília, jurei que nunca tentaria outra vez fingir ser o que não era. Longe da minha insana família, longe da exigente revolução, longe dos ex-pseudo-amigos-e-companheiros, longe de tudo, eu queria começar vida nova (Ibid., p.78).

Nos primeiros dias que chegou ao Rio, apesar da ingenuidade de acreditar que todos aceitariam sua condição de homossexual e da repressão que sofreu, ele se assumiu, o que foi, para ele, uma vitória: “Tornei-me o que sou, finalmente! O que sou ainda hoje: Tadeu, o assumido, com carteirinha de homossexual, batendo ponto nos bares e inferninhos da vida. E passando muito bem, obrigado” (Ibid., p. 79).

Após anos de vida desregrada, Tadeu contraiu Aids e se isolou, não queria ver ninguém, pois sabia em que estado se encontrava “fracassado, drogado, bicha patética”

(OFLB, p. 79). Tinha grande fé em Nossa Senhora da Penha e possuía um oratório de madeira em casa. Rezava por Edu, seu primeiro e único amor, que morrera anos atrás pelas mãos da Ditadura Militar, e procurava encontrar paz e sossego para ser quem era. Por meio de sua enunciação, observamos o quão complexo foi o seu processo de constituição enquanto sujeito. Um processo que nunca se finda e que está sempre em construção. Tentou se isolar daquele grupo e tomar um novo rumo na vida. Não lia jornais, conversava com os novos amigos sobre teatro, cinema, música e fofocas. Enveredou pelo mundo das drogas, especialmente LSD. Lia muito e começou a escrever peças, comentários, reflexões e prosa poética. Contudo, a repressão sexual, fator determinante em seu processo de constituição, o havia marcado e estava tão enrustida dentro dele que, mesmo levando uma vida de orgias, bebidas e drogas, ainda cultivava dentro de si, nuances da moral convencional.

Assim, Tadeu sentia-se deslocado depois que se separou do grupo de amigos. Antes, quando o grupo ainda existia e atuava frente ao movimento revolucionário contra a ditadura, ele, mesmo para manter as aparências perante o grupo social com o qual convivia, sentia-se incluído em uma identidade firmada na luta política, que era o modelo de identidade difundido entre os estudantes, jovens, professores, políticos e intelectuais da época. Após o esfacelamento do grupo de amigos, sentiu-se perdido, em busca de uma nova identidade com a qual se identificasse. Como homossexual, procurava encontrar o seu lugar social e almejava ser aceito por todos.

Bauman afirma que permanecemos eternamente em desentendimento com as “identidades”. Há uma negociação pendente que nos acompanha ao longo da vida. E, coloca que

quanto mais praticamos e dominamos as difíceis habilidades necessárias para enfrentar essa condição reconhecidamente ambivalente, menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandiosos os desafios e menos irritantes os efeitos. Pode-se até começar a sentir-se cheiz soi, “em casa”, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa (BAUMAN, 2005, p. 19-20).

Isso ocorre porque as pessoas são constituídas pela contradição e pela fragmentação, conforme coloca Hall (2003, p. 188), “não existe um eu essencial, unitário - apenas o sujeito fragmentário e contraditório que me torno”. Isso contraria nossa impressão de que a identidade possui uma essência fixa e imutável ou uma substância

inerente ao sujeito. A identidade, segundo o autor, é mutável, transitória, contraditória e resulta das relações sociais entre os sujeitos. Ele afirma que

as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2004, p. 7).

Em OFLB, Tadeu vivencia essa contradição e busca, ao longo da trama, uma identidade. É preciso compreender que “as identidades não são coisas com as quais nascemos, elas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2000, p. 48. Grifos do autor).

Ao buscar uma identidade, entendemos que Tadeu anseia por um lugar, um espaço no qual se constitua, veja-se e instaure-se enquanto sujeito singular, portador de contornos identitários que lhe confira pertencimento, contiguidade social e lhe consinta integrar-se à rede de poderes imanentes às relações sociais.

Ora, identidade e diferença se agregam às relações de poder e a normalização é “um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença” (SILVA, 2000, p. 83). É problematizando a repetição (normalização) que se vê a possibilidade de interrompê-la, questioná-la e contestá-la, de “efetuar uma parada no processo de ‘citacionalidade’ que caracteriza os atos performáticos que reforçam as diferenças instauradas, que torna possível pensar na produção de novas e renovadas identidades” (Ibid., p. 95-96).

É no embate entre os ideais revolucionários, a opressão do social e as angústias particulares que se vão construindo identidades. Nesse processo, entendemos que a identidade não é unificada e estável, assim como o sujeito também não o é. Nessa nova perspectiva, ela é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam e é definida historicamente, não é, portanto, algo inato ao sujeito.

Hoje, apesar de o sujeito ter vivido ao longo da história a ilusão de uma identidade unificada e estável, constatamos que ele está se tornando fragmentado, ou seja, não possui mais uma identidade apenas e sim várias. Estas algumas vezes

contraditórias e outras vezes não-resolvidas. Dessa forma, não há apenas uma identidade. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, uma vez que nossas identificações vão sendo continuamente deslocadas. Apesar disso, ainda sentimos que temos uma identidade unificada que nos acompanha desde que nascemos. Essa impressão existe porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa de nossa vida”. No entanto, essa fantasia se desfaz ao observarmos que à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos “apresentados” a uma multiplicidade de identidades possíveis e podemos nos identificar com cada uma, mesmo que seja por um breve período.

Nessa nova visão, constata-se que a identidade não está pronta e acabada ao nascermos, ela é formada, ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes. Portanto, a identidade nunca está completa, está sempre em processo de formação. Segundo Castells (2000, p. 23-24), do ponto de vista sociológico, toda identidade é construída e essa construção

vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço.

A identidade está atrelada às relações de poder e ao contexto histórico e cada uma de suas formas de construção leva a um resultado diferente no que se refere à constituição da sociedade. Conforme Hall, mesmo sufocado pelo “poder disciplinar”, o sujeito sente-se fragmentado, isolado e afetado por uma diversidade de identidades. E uma dessas, é a identidade nacional.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com

seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2004, p. 50-51).

É inculcado em nós o sentimento de que devemos nos identificar com uma única identidade cultural, como se pertencêssemos a uma grande família nacional. Contudo, essa “suposta” identidade nacional acaba por sufocar as diferenças culturais e controlar nossas escolhas. É uma identidade que objetiva unificar as massas, por meio das relações de poder. É o efeito da rotulação, da generalização.

Tadeu simboliza os jovens dos anos 1960 (e também os jovens atuais) que buscam por uma identidade, mas ao mesmo tempo não se fixam em nenhuma. Nos anos 60, não era comum as pessoas exporem suas preferências sexuais homossexuais, pois isso ia contra os padrões considerados “normais” pela sociedade da época. O homossexual era considerado “anormal” pelos vários discursos existentes na sociedade, como o discurso religioso, o discurso do senso-comum, o discurso familiar, entre outros. Tadeu vivenciou essa situação desde a infância:

Foi uma infância triste e solitária. Os colegas sacavam as coisas [...] Tinham aqueles que o faziam de alvo de deboche e gozação, a maioria, e tinha um ou outro que, mais velhos, gostavam de troca-troca, mas eram todos machões, e ai de quem ousasse pensar outra coisa (OFLB, p. 115).

Sofreu horrores, e foi quando começou a achar que tudo devia estar errado com ele. Passou, então, um tempo interminável e horroroso de autonegação, até depois cair no mundo das drogas e da gandaia: definitivamente, um clássico da formação de uma bicha da sua geração, ele se diz. Em sua vida não faltou sequer a mítica tentativa do pai levando o filho ao bordel. Só que no seu caso, ele desceu correndo do carro, quando o deputado Lamartine estacionou o Simca Chambord em dois tons de azul na porta do famoso Castelo do 63, na Ladeira da Montanha, e fugiu (Ibid., p. 83-84).

Nesses fragmentos, evidenciamos que Tadeu teve uma infância infeliz, da qual não guarda lembranças boas. Por isso, ele resolve, quando se muda para Brasília, mudar seu comportamento, “apagar” as características de homossexual que lhe eram tão evidentes em Salvador. Ele queria fazer de tudo para se adequar aos padrões sociais da época por medo da repressão.

Quando ele diz que “Em sua vida não faltou sequer a mítica tentativa do pai levando o filho ao bordel”, faz uma crítica velada às famílias tradicionais que levavam os filhos do sexo masculino aos bordéis para iniciá-los na vida sexual. Era o primeiro

contato sexual do rapaz, que o tornaria “homem de verdade” e o inseriria na vida adulta. Fazendo isso, os pais (especialmente o pai) acreditavam que o filho entenderia que só poderia manter relações sexuais com o sexo oposto, assegurando a manutenção dos padrões sociais vigentes, repudiando assim quaisquer tendências homossexuais.

Por todo esse contexto de repúdio aos homossexuais, muitos dos que apresentavam tais tendências tentavam se adequar aos padrões sociais e “fingiam” ser aquilo que não eram, como aconteceu com Tadeu:

Foi nessa época que tentei o namorico infame com a Darcy, que era do grupo de teatro, e todo mundo chamava de DADA, mas eu fazia questão de chamar de Darcy, nome de dar vergonha em morto, mas que era uma das poucas coisas que me interessavam nela. O nome unissex. A bobinha, a tola, a ingênua da Darcy, que se contentava com umas bitoquinhas rápidas, roçando de leve os lábios, e a mão na mão. [...] Era minha muleta, me protegia e me dava um ar de homem – que era o que eu morria por ter naquele momento (OFLB, p. 77).

Tadeu, por muitos anos, tentou esconder sua homossexualidade por medo de repressões, críticas, julgamentos, especialmente do seu grupo de amigos. Mas para ele estar com Darcy era uma tortura, uma vez que era apaixonado pelo amigo Edu. Era o esforço que fazia para que ninguém descobrisse sobre sua homossexualidade, no intuito de ser respeitado e aceito por todos. Fez isso durante toda a sua adolescência e nos dez primeiros anos de sua amizade com Edu, Dina, Tonho e Esmeralda. Já adulto e homossexual assumido, Tadeu, em seus dizeres, ironiza a sociedade retraída e conservadora, “A repressão sexual está tão enrustida dentro de nós que mesmo um cara como eu, considerado hoje o mais libertino do mundo pela moral convencional, tem a sua” (Ibid., p. 88). Ele denuncia a discriminação velada que rege nossa sociedade e se esconde sob um falso pudor e sob uma moral convencional, que é incutida em nosso imaginário desde criança sobre a repressão sexual e que acaba nos acompanhando pelo resto da vida, mas também não consegue se isentar desses súbitos afloramentos de uma moral convencional que lhe vêm por meio da memória discursiva.

Tadeu constitui-se como portador de um discurso marcado pela crítica e que procura desmistificar a figura do jovem cujo perfil é tido como ideal para os padrões sociais – o jovem caracterizado pela masculinidade e visto pelas moças como ideal de casamento bem-sucedido, “ajustado” socialmente. Sua enunciação provoca nos leitores

uma identificação ou uma contraidentificação, pelo viés da historicidade com a formação discursiva que marca seus dizeres.

Quando Tadeu enuncia que “Mas logo, logo, não podia ser de outro modo, a mão da realidade se esborrachou sem hesitação na minha cara. E tomei pancadaria de tudo quanto é lado, quem mandou ser tão ingênuo! Mas me assumi, pelo menos isso consegui fazer” (OFLB, p. 79), percebemos o questionamento do sujeito discursivo com relação ao lugar de rejeição atribuído aos homossexuais em nossa sociedade. Os efeitos de sentido produzidos em sua enunciação provocam uma ruptura com os sentidos pretendidos pelos discursos que circulam em nossa sociedade a respeito dos homossexuais e que lhes atribuem um lugar de exclusão, no sentido de que há uma desmistificação desses discursos que tratam a homossexualidade como algo deplorável e passível de marginalização. Nesse ínterim, percebemos no intradiscorso a busca do sujeito discursivo por uma identidade, por um lugar social, uma vez que ele não quer ser mais discriminado e estigmatizado, violentado em sua condição humana. Ele quer, assim como todo homossexual, ser respeitado.

Tadeu, por meio de uma enunciação atravessada pela ironia, pela tristeza, pelo ceticismo e pela rispidez, joga com os preconceitos sociais, materializados em formações discursivas, e que regem nossa sociedade. Ele denuncia essas práticas sociais de forma desvelada. Entretanto, observamos sua ânsia por construir sua identidade por meio de seus dizeres. Inicialmente ele enuncia do lugar de sujeito adequado aos padrões sociais da época, pertencente a um grupo de amigos, de homem, possuidor de uma namorada do sexo feminino. Em outro momento, ele move-se para o lugar de homossexual assumido e enuncia a partir daí. Observa-se, portanto, que o sujeito discursivo é marcado por constantes deslocamentos, que são reflexo de sua busca por uma identidade com a qual se (des)identifique. Nesse sentido, podemos dizer que de seus enunciados emergem sentidos diferentes, tendo em vista que ele ocupa lugares entremeados pela história, pela memória e pela ideologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, o sujeito-enunciador Tadeu, em seus dizeres, carrega ideologias. Sua voz mantém viva a memória histórica daqueles que sofreram e sofrem com a discriminação, seja ela sexual, ou de qualquer outra ordem. Assim, ao enunciar, ele

inscreve-se em uma formação discursiva (FD) histórico-social marcada pela discriminação do homossexual brasileiro e também se inscreve ideologicamente em uma conjuntura política e social de busca de uma nova identidade mais condizente com a realidade sócio-histórica dessas pessoas que são marginalizadas por sua opção sexual. Nesse sentido, podemos dizer, então, que a ideologia é fundamental para a construção da identidade (ou das identidades) do sujeito, tendo em vista que é ela quem marca as diferentes posições dos sujeitos, à medida que eles vão construindo suas identidades.

O sujeito é marcado pela história e pela ideologia, portanto analisar a constituição do sujeito discursivo Tadeu implicou analisar esse sujeito partindo do lugar sócio-histórico e ideologicamente marcado pela discriminação e da busca de regularidades enunciativas circunscritas em suas manifestações discursivas.

Por meio da análise empreendida, foi-nos possível reiterar que o discurso da discriminação aos homossexuais dialoga com outros discursos situados na história e que a formação discursiva configura-se como o lugar de identificação dos sujeitos e de produção de sentidos. Desta forma, os enunciados analisados explicitam a memória coletiva do povo brasileiro com relação ao homossexualismo. Por isso, devem ser lidos e analisados face às condições de sua produção e os efeitos de sentido instaurados dentro desse campo sócio-histórico.

Nesse sentido, para compreendermos esses discursos nos deslocamos da materialidade linguística da obra e procuramos o sentido na relação com a exterioridade, com o social, o histórico e o ideológico, todos esses fatores agenciados pela memória discursiva coletiva sobre o homossexualismo no Brasil.

Por fim, encontramos em Tadeu um sujeito plural, fragmentado, marginalizado pela sociedade preconceituosa; um sujeito que anseia por encontrar a si mesmo e que almeja uma sociedade mais justa e igualitária; um sujeito que busca uma identidade para se apoiar e tentar ser feliz em meio à sociedade que o aflige. Essas questões são constitutivas de cada sujeito e não apenas do homossexual brasileiro, por isso talvez a constituição subjetiva de Tadeu suscite tanta interpelação.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z.** Identidade. Trad. **Carlos Medeiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CASTELLS, M.** **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FOUCAULT, M.** **Microfísica do poder**. Trad. De Roberto Machado. 27 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.
- _____. **A Hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. **O Sujeito e o Poder**. In: RABINOV, P.; DREYFUS, H. Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984. p.229-249.
- HALL, S.** **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- _____. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.
- _____. **Quem precisa da identidade? In. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ROSA, I. F.** Relações de outricidade e de espelhamento nos meandros estético-literários de “**As Horas Nuas**” de Lygia Fagundes Telles. In: BALBINO, E.; CARDOSO, J. B.; CUNHA NETO, F. F. (Orgs.). Literaturas afro-ibero-americanas: ensaios críticos. Goiânia: Editora da PUC-GO, no prelo.
- SILVA, Tomaz Tadeu da.** (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVEIRA, M. J.** **O Fantasma de Luis Buñuel**. São Paulo: Francis, 2004.